

Agenda continua fora do controle do Planalto

Até agora tem fracassado esforço para tirar Congresso do imobilismo

CHRISTIANE SAMARCO

BRASÍLIA – O Planalto bem que tentou retomar as rédeas do processo político, anunciando seu plano de ação governamental e arrancando dos partidos aliados manifesto contra a abertura de qualquer tipo de comissão parlamentar de inquérito (CPI). Mas tanto os aliados quanto os adversários do presidente Fernando Henrique Cardoso avaliam que o governo está à reboque da crise política, a despeito das cobranças, por parte de ministros políticos, de uma ação efetiva do Congresso para sair do imobilismo e dos apelos dos líderes governistas pela “convergência nacional”.

A sucessão no Congresso encerrou-se faz

35 dias e há mais de uma semana o senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) silenciou sua guerra particular contra presidente do Senado, Jader Barbalho (PMDB-PA). Mas nem assim governo e Congresso conseguiram fechar uma agenda de votações. “Ainda estamos vivendo o rescaldo da eleição no Congresso”, diz o senador Geraldo Melo (PSDB-RN). A briga eleitoral foi tamanha que desarrumou internamente os três grandes partidos da base aliada (PSDB, PMDB e PFL), criando alas de descontentes.

Apesar da disputa entre os correligionários, que dificultou muito a partilha do comando das comissões técnicas da Câmara e do Senado, a antecipação do debate so-

bre candidaturas e parcerias à corrida presidencial de 2002 multiplicou os conflitos. O ministro das Comunicações, Pimenta da Veiga, ficou encarregado ontem de cobrar do Congresso o fim do “imobilismo”. “Basta que os presidentes da Câmara e do Senado ponham as matérias importantes em votação”, disse.

Consenso – Ao mesmo tempo, o líder do governo no Senado, José Roberto Arruda (PSDB-DF), subia à tribuna para fazer apelo em nome da união nacional em torno de questões objetivas. Arruda pediu que pensassem “no Brasil e no interesse público”, retomando as votações pelas medidas provisórias sobre as quais há consenso.

“Isto é apenas um discurso”, reagiu o senador José Fogaça (PMDB-RS). “Nada está funcionando porque os canais políticos estão completamente emperrados e as ações

do governo não têm consequência”, resumiu. “O governo perdeu a liderança da agenda e a sensação é a de que está tudo afundando como a P-36 (plataforma da Petrobrás) e as crises da Argentina e do Japão”, emenda o líder do PPS no Senado, Paulo Hartung (ES).

A preocupação é tamanha que o líder do governo no Congresso, deputado Arthur Virgílio Neto (PSDB-AM), propõe que os governistas peguem até carona na crise da Argentina e da Petrobrás para sair da agenda das CPIs. Arthur e Arruda propuseram ontem um grande debate em torno dos dois temas. (Colaboraram Isabel Braga, Gilse Guedes e Eugênia Lopes)

PIMENTA
COBRA
INÍCIO DAS
VOTAÇÕES